

## **Caminhos paralelos do shakuhachi no Brasil**

*Rafael Hirochi Fuchigami*

UNICAMP – [fuchigami.shakuhachi@gmail.com](mailto:fuchigami.shakuhachi@gmail.com)

*Eduardo Augusto Ostergren*

UNICAMP – [eduardo.ostergren@gmail.com](mailto:eduardo.ostergren@gmail.com)

**Resumo:** Devido ao desenvolvimento do Suizen Dōjō torna-se relevante observar as concepções e práticas que circulam dentro deste grupo de estudos, uma vez que está se tornando foco de difusão e atividades em torno do shakuhachi. A existência do Dōjō relaciona-se com o contexto internacional e com a recente utilização da internet como ferramenta de acesso à flauta japonesa. A partir da técnica de observação participante (VALLADARES, 2007) obtive um material para o estudo sobre as atividades do Dōjō e suas *japonesidades* (MACHADO, 2011).

**Palavras-chave:** Suizen Dōjō, *Japonesidades*, Vidas passadas, Internet.

### **Parallel paths of shakuhachi in Brazil**

**Abstract:** Due to the development of Suizen Shakuhachi Dōjō is relevant to note the concepts and practices that circulate within this study group, since it is becoming a focus for dissemination and activities around the shakuhachi. The existence of the Dōjō is related to an international context and with the recent use of the internet as a tool to access the Japanese flute. From the technique of participant observation (VALLADARES, 2007) I collected a material for a study on the activities of the Dōjō and its *japonesidades* (MACHADO, 2011).

**Keywords:** Suizen Dōjō, *Japonesidades*, Past lives, Internet.

## **1. Introdução**

Este artigo foi elaborado a partir dos estudos e dos trabalhos de campo que realizei desde 2009, como parte de duas Iniciação Científicas (FUCHIGAMI; OSTERGREN, 2010, 2011) e da atual pesquisa de mestrado “Aspectos culturais e musicológicos do shakuhachi no Brasil”, desenvolvidas no Instituto de Artes da UNICAMP e com fomento da FAPESP.

Utilizando a técnica de observação participante sistematizada por Valladares (2007) acompanhei a criação e desenvolvimento do grupo de estudos Suizen<sup>1</sup>Dōjō<sup>2</sup>, observando as práticas, concepções e particularidades que o tornam distinto daqueles existentes no Brasil.

Embora tenha mais de três anos de existência, o Dōjō se mostra ainda em processo de formação, uma vez que os métodos de estudo e pensamento apresentam constantes modificações, que variam em função da incorporação de novas ideias e das experiências e aprendizado do líder e professor, Matheus Ferreira.

O Dōjō está situado em um ponto intermediário entre a música trazida e praticada pelos japoneses e seus descendentes, e as atividades mundiais em torno do shakuhachi, tendo

como centro ou modelo o Japão. A importância deste grupo no momento não está na criação de referências, mas em suas particularidades e relação com um panorama mais amplo do instrumento no país. Deve ser registrado aqui que este é o primeiro grupo de estudos de shakuhachi no Brasil criado por um brasileiro, sem ascendência japonesa.

As informações foram obtidas e analisadas a partir das aulas de shakuhachi de Matheus, que frequentei entre março de 2010 e maio de 2012, diálogo e convivência com os integrantes do grupo, entrevistas semiestruturadas, observação e participação das atividades organizadas, tais como workshop com Marco Lienhard (Suíça/EUA), aulas-ensaios com a tocadora de *koto* Tamie Kitahara e do trabalho de campo no Japão em maio/junho de 2012.

Levando em consideração que o Dōjō não foi criado por japoneses nem descendentes e não é constituído por pessoas de tal grupo étnico (com exceção de um membro), não o situamos dentro dos estudos das minorias étnicas, tal como fez Satomi (2004) em seus valiosos trabalhos sobre a música japonesa no Brasil. Observamos na dinâmica interna do Suizen Dōjō suas *japonesidades*, relacionando-o com as novas discussões sobre a presença japonesa no país, pois “a *japonesidade* vista como múltipla permite que não analisemos as condições desses sujeitos como ‘menos ou mais’ japonesas, mas como japonesas à sua maneira (MACHADO, 2011, p. 15)”.

## 2. A internet e o intercâmbio internacional

Segundo Matheus Ferreira, seu interesse no shakuhachi surgiu em 2003 ao ouvir um monge tocando em um workshop de meditação. Além dos aspectos espirituais que associou à flauta, já havia despertado uma admiração pela cultura japonesa, envolvendo-se em atividades como *shodo*, *karate*, *aikido*, entre outras. Matheus buscou envolver-se com a “cultura japonesa disponível em São Paulo”, cidade onde mora. O aspecto social não é o que lhe atrai, pois está em busca de cultivar os valores que acredita estarem presentes na “cultura japonesa” (comunicação pessoal).

Seu primeiro professor de shakuhachi foi Saito *Shinzan*, da escola *Tozan*, com quem estudou por cerca de cinco anos. Após sua primeira viagem ao Japão, em 2006, entrou em contato com escolas e tendências que até então desconhecia e quando voltou ao Brasil teve aulas com Iwami *Baikyoku* (1923-2012) por dois anos, cujo foco dos estudos foi o *honkyoku*<sup>3</sup> da *Kinko ryu*.

Seu atual objetivo é tocar as peças *honkyoku* transmitidas por Katsuya Yokoyama, do estilo *Dokyoku*, e também dedica-se às obras de Fukuda Randō, da escola *Azuma*, que conheceu no Japão. Não encontramos registros anteriores de apresentações ou estudos sobre as peças de Fukuda Randō em São Paulo, fazendo com que Matheus seja um dos responsáveis pela introdução destas obras no país.

Paralelamente, na cidade de Santa Cruz do Sul - RS, o tocador e fabricante Henrique Elias Sulzbacher vem estudando e difundindo as obras do repertório de Yokoyama, entre elas os *honkyoku* de Watazumi, bem como as peças da *Azuma ryu* como foi observado na 63ª TV Arte (TV UNISC, 2011). Elias desenvolve suas técnicas de fabricação de maneira autodidata, com o auxílio de livros, da internet e expondo suas flautas à avaliação dos tocadores que encontra (FUCHIGAMI; OSTERGREN, 2012). O gaúcho frequenta as aulas de Marco Lienhard quando vem ao Brasil e utiliza a internet para suas aulas com o professor Michael *Chikuzen* Gold (EUA).

A internet tornou-se uma importante ferramenta para a difusão do shakuhachi e interação entre os tocadores, sobretudo para aqueles que estão “distantes” social ou geograficamente. Uma vez que em São Paulo se concentra “um quarto da comunidade *nikkei* e, conseqüentemente, suas forças culturais, além das políticas e econômicas” (SATOMI, 2004, p.1), observa-se uma maior dificuldade de contato com o shakuhachi em outras regiões. Henrique Elias, por exemplo, vivencia esta dificuldade causada pela “distância geográfica”. Entretanto, devemos relativizar: se por um lado ela existe na relação entre as diferentes regiões do Brasil para com o estado de São Paulo, também há uma distância dos tocadores entre o Brasil e o Japão. A respeito da “distância social”, mesmo entre aqueles que moram em São Paulo, nem sempre é fácil se interagir com os tocadores, caso não faça parte de algum círculo social de música e cultura japonesa. Por meio da internet as dificuldades causadas por ambas as “distâncias” diminuíram, sobretudo a partir da criação da comunidade virtual “Shakuhachi Brasil” e de dois *websites* específicos, o “Suizen Dōjō” e o “Musgo da Pedra Shakuhachi”.

Uma vez que há um intercâmbio entre tocadores do mundo todo, não é possível conceber nos dias de hoje as práticas com o shakuhachi no Brasil de maneira isolada. Shen Ribeiro, Danilo Tomic, Matheus Ferreira, Hiroshi Fuchigami e Akio Yamaoka estiveram presentes no Japão após dar início aos estudos com a flauta no Brasil. Este aspecto demonstra o interesse em conhecer o instrumento em seu local de origem, buscando algo além das práticas existentes em nosso país.

Por outro lado, eventualmente recebemos em nosso país performances e professores que se apresentam e ministram cursos. É o caso de Marco Lienhard que visita o Brasil anualmente desde 2009 e já realizou concertos e cursos de shakuhachi e *taiko* em São Paulo, Brasília, Recife, Garopaba e Porto Alegre. James *Nyoraku* Schlefer (EUA) esteve presente em 2005, Mitsuhashi *Kifū* (Japão) em 2008 e 2010, *Gakuzinzan* (Japão) em 2012, entre outros.

Portanto, o contato com o shakuhachi ocorre entre os tocadores no Brasil, entre estes e aqueles do e no Japão e outros países, e muitas vezes tendo como ferramenta facilitadora a internet.

### 3. Atividades e características do Suizen Dōjō

Matheus explica que o ponto de partida para suas atividades ocorreu com a comunidade virtual “Shakuhachi Brasil”, criada em março de 2009, com o slogan “Compartilhar e divulgar o shakuhachi no Brasil e América Latina!”. Nela os interessados encontram fotos, vídeos, artigos, divulgação de eventos, contatos de professores e tocadores, blogs, venda de flautas, partituras, entre outros. Embora as publicações e discussões no fórum



Figura 1. Workshop com o mestre Marco Lienhard, em 30 de julho de 2010, São Paulo (FUCHIGAMI, 2010).

da comunidade não ocorram com frequência, esta funciona como um suporte àqueles que desejam iniciar o contato com o instrumento. A criação da comunidade gerou procura por aulas e foi de Lienhard que Matheus conseguiu autorização para lecionar para iniciantes.

Os primeiros alunos não tinham uma ideia de “escola” ou “*dōjō*”, que foi se formalizando gradualmente. No final do ano de 2012 Matheus alugou um espaço dentro da sede da Kyodo Minyō, localizado na Vila Mariana, desvinculando as atividades do Dōjō de sua residência.

Existem características em comum no grupo: todos são homens, possuem formação de nível superior, nenhum deles é cristão, de alguma forma relacionam o shakuhachi à espiritualidade e tem como prioridade e objetivo tocar o repertório *honkyoku*. Atualmente são 12 integrantes e exceto eu, que me tornei nativo no grupo em decorrência das atividades como pesquisador, não há nenhum descendente ou japonês, sendo três dos integrantes italianos, Maurício, Gregório e Franco.

O estilo estudado pelo grupo é o difundido por Katsuya Yokoyama, incluindo obras das escolas *Kinko*, *Dokyoku* e *Azuma*. Após fazer aulas no Japão com Yousuke Yabuuchi, Matheus incorporou seu método de estudo e alguns de seus hábitos culturais, tal como tocar na posição de *seiza*<sup>4</sup> em cima do *tatami*, proibindo o uso de cadeiras durante as aulas. Portanto, circula dentro do grupo influências de diversas partes, sendo possível identificar mais

acentuadamente aquelas vindas dos mestres Marco Lienhard, Kaoru Kakizakai e Yousuke Yabuuchi, com relação às partituras utilizadas, método de estudo, comportamento e concepções. O mapeamento dessas influências pôde ser realizado durante o contato pessoal com esses professores, por ocasião do trabalho de campo que realizei em Tokyo, Nara e Kyoto em maio e junho de 2012, que consistiu em entrevistas, aulas e workshop. Não obstante, ainda deve-se acrescentar a essa mistura as ideias e pensamentos particulares de Matheus.

O grupo é direcionado de modo conservador e não é permitido tocar músicas ocidentais, pois segundo Matheus o shakuhachi deve ser tratado como uma “tradição”, embora em momentos anteriores afirmava que seu objetivo era fazer do shakuhachi uma “prática meditativa”. Entretanto, uma vez que o próprio Randō, Yokoyama, entre outros, foram influenciados pelo ocidente e Lienhard toca músicas ocidentais, sua atual concepção sobre “tradição” surge de uma seletividade arbitrária.

No dia 11 de agosto de 2012, durante um encontro geral, Matheus divulgou diretrizes que criou para o grupo, com base em sua viagem ao Japão no mês de junho:

Preceitos do Suizen Dōjō

- Deixe suas desculpas na porta e concentre-se;
- Aula não é local de prática;
- Se somente há disciplina enrijecemos; se somente há diversão não há arte;
- Não fique preso aos méritos e deméritos ao longo do seu aprendizado;
- Aprender a forma permite a descoberta da liberdade. Sem forma só existe a anarquia;
- Não critique o método até incorporá-lo por completo;
- Abandone o “seu jeito” de tocar;
- O som forte é o mais importante;
- Sempre use o corpo ao máximo;
- Honre seu instrumento a cada instante;

Os preceitos direcionam o comportamento e a ética, com exceção apenas do oitavo e nono preceitos, referente a um parâmetro musical (“som forte”) e a um aspecto técnico da performance (utilização do corpo). O quinto preceito, embora faça referência à “forma”, este não é o conceito de “forma” que temos na música ocidental, tal como “forma sonata” por exemplo. Segundo Matheus, a “forma” se refere à postura do corpo, reverência, respeito pelo instrumento e pelo aprendizado, etiqueta, expressão de respeito, entre outros, presentes nas artes japonesas (comunicação pessoal).

Tal ênfase na utilização do corpo, bem como no “som forte” para se produzir música foi observado durante o workshop de Yabuuchi na província de Nara. Na ocasião Yabuuchi discorreu sobre os elementos essenciais para se tocar shakuhachi e em primeiro lugar vem a postura, definida originalmente com o termo *shisei* 姿勢. Assim, para se chegar ao timbre e qualidade de

som que se espera, é necessário um processo que se inicia com a postura correta e um som forte.

#### 4. *Japonesidades no Suizen Dōjō*

No sopro quieto  
do shakuhachi  
o vazio pleno do meu ser<sup>5</sup>

Embora o gosto pelo *honkyoku* seja unânime, a motivação para tocar manifestou-se de maneiras diversas. O estabelecimento de uma relação entre o shakuhachi e a cultura japonesa ocorre com maior ou menor intensidade dependendo do membro. O foco do interesse de alguns está nos aspectos sonoros, artísticos, musicais e espirituais, enquanto outros membros chegaram ao shakuhachi devido a um prévio envolvimento com a cultura japonesa.

Durante as entrevistas, um dos alunos expressou: “[...] todos os meus amigos descendentes me falam ‘cara, você é mais japonês do que eu, você cozinha, você está em contato, você pratica coisas que eu não pratico’... [...] às vezes eu me sinto mais japonês do que eles também” e relatou que sua admiração e envolvimento com a cultura nipônica ocorreu antes do contato com a música. Em tal relato, podemos observar que sua ligação com o shakuhachi ultrapassa questões artísticas e musicais e atinge seu senso de identidade pessoal.



Figura2. Membros do Dōjō em agosto de 2012.

Existe ainda um fato que chama a atenção: muitos que não são japoneses nem descendentes (de dentro e de fora do Dōjō) acreditam que foram japoneses em vidas passadas mesmo não possuindo um “corpo de japonês”. Um dos integrantes afirmou: “o Japão é um país onde eu me sinto quase na minha segunda casa. Então eu costumo realmente dizer que eu sou um japonês no corpo de brasileiro”. É possível notar que nessa crença há uma concepção de que “tocar shakuhachi” está associado a uma “substância japonesa”, biológica ou então espiritual, por meio de uma “alma” japonesa.

Portanto, embora o Dōjō seja foco de prática e disseminação da música japonesa, não partimos dos estudos de minorias étnicas para analisa-lo, pois trata-se de um novo fenômeno. É um grupo orientado por *japonesidades*, oriundas de importações do Japão, adaptações no Brasil, sentimentos e imaginação pessoal e de uma busca pela música, espiritualidade, convivência ou qualquer outro ponto que traga sentido aos membros.

## 5. Considerações finais

Longe do objetivo de criar ou reforçar a existência de ícones, a abordagem a partir das pessoas pode responder a questionamentos sobre a presença e utilização da flauta no Brasil. Em meio à multiplicidade de interesses, concepções e práticas, torna-se difícil conhecer, sem uma investigação mais apurada os motivos que levam ocidentais, não oriundos de famílias japonesas, a se interessarem por uma arte tão específica.

Entendemos o Suizen Dōjō como um caminho “paralelo” do shakuhachi no Brasil. “Paralelo” porque não está inserido dentro dos grupos já existentes e não surgiu a partir deles, uma vez que foi criado como decorrência das experiências de Matheus no Japão, de sua oposição a algumas práticas com o shakuhachi que ocorrem no Brasil, da vinda do mestre Lienhard e do surgimento de alunos. Ao mesmo tempo não está isolado: “paralelo” pressupõe a existência de algo a mais para que se possa criar a relação de paralelismo. Outro termo que se poderia aplicar seria alternativo.

O interesse unânime no *honkyoku* está em um plano além do envolvimento dos membros com a cultura japonesa em geral ou então com o sentimento de ser japonês. Por outro lado, para aqueles que carregam este sentimento, o shakuhachi é uma ferramenta poderosa na construção de suas *japonesidades*.

Foi possível identificar o que orienta as práticas e concepções do grupo por meio das aulas que fiz com Lienhard e do trabalho de campo no Japão. Observei que tal contato entre o líder do Suizen Dōjō com os mestres no exterior não conduzem a uma estrita importação de hábitos e métodos, ocorrendo também adaptações e reinterpretações que passam pela ótica de Matheus e são traduzidas por sua personalidade.

Na busca pela compreensão do processo de difusão do shakuhachi no Brasil se faz necessário olhar os grupos e as estruturas internas da dinâmica social no país e a maneira como estão relacionadas com os acontecimentos internacionais.

## Referências

MACHADO, Igor José de Renó (Org.). **Japonesidades Multiplicadas:** novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. São Carlos: Edufscar, 2011.

MUSGO DA PEDRA SHAKUHACHI. Disponível em < <http://www.musgodapedra.com/> >. Acesso em: 02 jan. 2013.

FUCHIGAMI, R.H. OSTERGREN, E.A.; **Levantamento histórico e análise técnica da flauta japonesa shakuhachi.** Iniciação Científica. Instituto de Artes da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FUCHIGAMI, R.H. OSTERGREN, E.A.; **Descrição do processo de fabricação do shakuhachi e levantamento de informações sobre sua ocorrência no Brasil.** Iniciação Científica. Instituto de Artes da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FUCHIGAMI, R. H.; OSTERGREN, E. A. Shakuhachi: de arma de combate e ferramenta religiosa a instrumento musical. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 127-147, jun. 2010.

FUCHIGAMI, R. H.; OSTERGREN, E. A. Procedimentos e adaptações na fabricação do shakuhachi desenvolvida por Henrique Elias Sulzbacher. In: 64ª Reunião Anual da SBPC, 2012, São Luís. **Anais eletrônicos.** Disponível em: < <http://www.sbpnet.org.br/livro/64ra/resumos.htm> >

HENRIQUE ELIAS SULZBACHER EM: YUGURE GENSOU KYOKU. **63ª TV Arte**, Santa Cruz do Sul: TV UNISC, dez. 2011. Programa de TV.

SATOMI, A. **Dragão confabulando:** etnicidade, ideologia e herança cultural através da música para koto no Brasil. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SHAKUHACHI BRASIL. Disponível em <<http://shakuhachiba.ning.com/>>. Acesso em: 15 jan 2013.

SUIZEN DŌJŌ Grupo de estudos de shakuhachi. Disponível em: <<http://www.suizen.art.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

Valladares, L. **Os dez mandamentos da observação participante.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, Fev 2007, vol.22, no.63, p.153-155. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em 26.dez.2012

## Notas

---

<sup>1</sup> 吹禪 significa “soprar zen”, nome da prática meditativa dos monges *komusō*.

<sup>2</sup> Escrito com os ideogramas 道(*dō*) e 場(*jō*) que significam “caminho” e “lugar”.

<sup>3</sup> O *honkyoku* é atualmente um repertório de caráter artístico, específico do shakuhachi, desenvolvido a partir da prática do *suizen* dos monges *komusō*.

<sup>4</sup> Posição tradicional em que se senta sobre as panturrilhas.

<sup>5</sup> José Maurício Fonzaghi Mazzucco, membro do Suizen Dōjō, escreveu e ofereceu este *haikai* para ser publicado neste artigo, quando lhe perguntei se já tinha criado algum poema que fazia referência ao shakuhachi.